



WOTLING, P. **La philosophie de l'esprit libre**: introduction à Nietzsche. Paris: Flammarion, 2008.

Jelson Roberto de Oliveira

Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, PR - Brasil, e-mail: jelsono@yahoo.com.br

O livro do professor Patrick Wotling tem o propósito de ser uma obra introdutória àqueles que ingressam no pensamento labiríntico de Friedrich Nietzsche e, ao mesmo tempo, um acesso claro e perspicaz aos principais – e mais abstrusos – temas de sua filosofia. Trata-se de uma obra densa e ao mesmo tempo de agradável leitura, cujo mérito também é o de mostrar certa lógica interna e algumas das justificações que explicam e servem de apoio às teses nietzschianas.

Wotling parte dos temas centrais propostos por Nietzsche e tenta suturar uma interpretação coerente de conceitos como verdade, metafísica, corpo, pulsão, paixão, justiça, vontade, arte, egoísmo, eterno retorno etc. Essas temáticas formam os 12 capítulos da obra, cujo fio condutor poderia ser os comentários que constam na introdução e que são retomados no último capítulo – 13, no qual o autor trata da “especificidade dos escritos filosóficos de Nietzsche”, fornecendo também, concomitantemente, uma pista sobre o modo específico pelo qual o autor de *Assim falou Zaratustra* queria/deveria ser lido.

É essa, certamente, a “dificuldade” inicial de todos aqueles que se aventuram pelos textos nietzschianos: como ler e interpretar um autor que, de início, contesta a própria verdade da interpretação e, de resto, permanece “incatalogável” – nem romântico, nem místico, nem irracionalista, nem metafísico... Nietzsche quebra as velhas tábuas da filosofia porque pretende, como espírito livre, dispensar o atrelamento aos conceitos e à sua coerência, às convicções e sua pobreza, à fidelidade e sua vulgarização da vida. Mas isso não significa que Nietzsche filosofe fora da filosofia – ou da tradição filosófica. O que Wotling demonstra, partindo não das noções que o filósofo alemão constrói, mas dos problemas que ele propõe (p. 10), é que Nietzsche exige uma atenção redobrada quanto à forma nova com a qual ele enfrenta as antigas questões da filosofia. Com essa estratégia, o que Wotling acaba por apresentar, são as bases constituintes e a própria genealogia do pensamento nietzschiano, examinando a ocorrência da liberdade espiritual como parte da tarefa filosófica do próprio Nietzsche.

O resultado é uma obra pela qual o pensamento do filósofo alemão se revela como um pensamento distinto, no qual a história da filosofia está presente não como afirmação, mas como contestação. Para Wotling “não é o cuidado da originalidade que orienta Nietzsche, mas o cuidado da probidade” (p. 12). Por esse procedimento, Nietzsche teria não só liberado o filósofo (por meio da figura do espírito livre – que consta no título da obra), mas a própria filosofia de seus prejuízos – e não de seus erros e enganos, posto que à interrogação radical e inescrupulosa do filósofo alemão pertence também um expediente de crítica à própria compreensão da filosofia como busca pela verdade. A probidade de Nietzsche o leva a reconhecer certa utilidade mesmo onde tradicionalmente se vê apenas engodo e mentira. Em resumo, é a crítica mesmo à verdade que funda esse novo método de fazer filosofia e, por isso, Nietzsche precisa adentrar em temas espinhosos como a recusa da metafísica, da organização sistemática e racional das ideias, da vontade de verdade e, por meio deles, pôr em relevo as principais deficiências das filosofias anteriores. A filosofia de Nietzsche é, assim, “uma verdadeira saída do modo de compreensão secular mais específico da atividade filosófica” (p. 54). A pergunta sobre a necessidade da verdade conduz, fundamentalmente, à pergunta sobre o seu valor – e com isso Wotling nos leva ao terreno central da filosofia nietzschiana.

Caracterizando a atividade filosófica tradicional baseada na metafísica como “loucura, atitude infracientífica, sutil técnica que permite

hipnotizar e perder consciência da realidade, tentativa de conhecimento abortado” (p. 66), Nietzsche teria, segundo Wotling, transformado toda a filosofia numa advertência contra as seduções da metafísica.

Os resultados da estratégia implementada por Wotling, entretanto, são mais intrigantes quando detectamos a sua intenção de mostrar os assim chamados “aspectos positivos” da construção filosófica de Nietzsche. É essa estratégia, justamente, que o conduz à análise do tema do corpo, das pulsões ou instintos ou ainda ao anúncio nietzschiano de uma tarefa criativa ou artística para o filósofo. Porque não são essências, os afetos induzem à mudança de sentido no método filosófico de análise da condição humana e dos seus constructos morais: o que Nietzsche mostra é que não é necessário um centro racional organizador da realidade (costumeiramente chamado de “consciência” ou racionalidade), muito menos que seja possível essa reunião ou que a realidade mesma se deixe captar assim tão facilmente. O corpo, como lugar dos afetos, passa a constituir um móvel privilegiado dessa nova filosofia. Mas corpo, aqui, não é só matéria ou materialidade, mas, sobretudo, corpo é relação. Nas palavras de Wotling, “corpo não é um ser, mas um tipo de relação ou, mais, de colaboração entre as pulsões” (p. 17). Ou seja, o que Wotling pretende mostrar é que o corpo é a lógica que rege as pulsões e que, sem ele, é impossível entender o modo novo de filosofar que Nietzsche intitulou de “filosofia do espírito livre”.

Essa atitude que, de resto, poderia ser bem definida como antiplatônica por excelência, por fazer ver que o real é só o que é relacional (ou ainda, que vida/existência/mundo é um modo de relação), mostra que o método filosófico de Nietzsche se faz livremente, ou seja, que ele dispensa um método fixo e imutável, mas se faz no jogo de colisão e de rivalidade que traduz a condição da própria vida.

Em termos morais, o problema central que aparece nessa valorização do corpo e nessa forma própria de compreensão da realidade é o tema do egoísmo e, conseqüentemente, a crítica de Nietzsche à defesa incontestada do altruísmo como valor moral absoluto, tema que permanece como característica central da moral ocidental. Como complexo e múltiplo, o eu aparece como uma forma de egoísmo que revela a lógica do poder (da vontade de poder) e que se traduz como fenômeno moral. Mas essa constatação dependeu, antes, do uso por parte de Nietzsche do método histórico-fisio-psicológico como modo de filosofar sobre as “coisas humanas” de forma alternativa – e crítica – à tradição metafísica e idealista.

A filosofia do espírito livre, tal como apresentada por Wotling, torna-se, aos poucos, um modo de compreensão da realidade: não há coisas, mas unicamente atos, eventos fluidos, impossíveis de serem fixados para o qual a linguagem filosófica possível não pode mais ser aquela tradicional (acusada por Nietzsche de mera dependência metafísica). Nietzsche, liberado da vontade de fixação e de unidade, reinventa também um modo próprio de falar a língua da filosofia. Se para ele, a realidade só é pensável como interpretação, então a linguagem filosófica é sempre ambígua e ambivalente, fluida e interpretativa. Para isso, escrever é também inventar. E filosofar torna-se uma forma de criação artística. Eis a especificidade do modo de escrever levado a cabo pelo filósofo de Sils Maria com o qual, também a filosofia se libertou da velha dependência da linguagem que, ademais, não passaria de um engano e que de um refúgio, um signo de vulgarização como parte da necessidade de comunidade – e da fraqueza, portanto.

A atenção às técnicas escriturárias de Nietzsche se legitima, portanto, como forma de clarear também como a estratégia de libertação do espírito leva à libertação da própria filosofia e seu modo de expressão. A linguagem filosófica de Nietzsche não guarda mais a verdade. Ela se manifesta como interpretação criativa na qual a vida, em sua fluidez, está pressuposta de forma ampla, livre e, portanto, incomunicável. Trata-se de um modo de pensar a escritura filosófica como uma forma de pensamento inessencial, que nem busca a essência e nem sequer a difusão do que é comum ou universal na forma da pretensão de verdade. Nietzsche, segundo Wotling, mostra ampla reserva à noção de comunicação e prefere avançar na perspectiva de uma linguagem filosófica que resiste à ideia de transmissão ou difusão. A atitude do pensamento autêntico aproxima Nietzsche de uma espécie de dimensão silenciosa da filosofia, ou de uma filosofia do silêncio, num sentido bastante próprio, aquele que está ligado à virtude retórica do próprio Nietzsche, amplamente usada como forma de conquista de seus leitores. Essa é a fineza dos espíritos livres, na escrita e na leitura. Mas Wotling pergunta: por que então escrever (GC, 93)? Se Nietzsche recusa as bases tradicionais da fixação, da comunicação ou da tradução da verdade, por que ele ainda insiste numa linguagem performática? É preciso lembrar que o autor de *Zarathustra* afirma “eu escrevo sobre mim mesmo, para mim” (FP XIII, 9 [188]). Outra forma de responder à questão pode ser encontrada na pergunta sobre que tipo de leitor Nietzsche deseja: na verdade, Wotling destaca que Nietzsche não busca leitores, mas interlocutores. Ou seja, a tarefa de sua filosofia não

é comunicar (para leitores) mas falar de si e de suas vivências para provocar, interpelar e estabelecer diálogo (para interlocutores). A linguagem é apenas um mecanismo de afrontamento. Escrever, portanto, para Nietzsche, é uma forma de provocação que prescinde da velha relação entre escrita e realidade. “Longe de traduzir ou transmitir o pensamento, ela [a linguagem] a suscita” (p. 428). É porque se revela não como ser, mas como processo dinâmico, criativo e ininterruptamente interpretativo, que a realidade é produzida pela linguagem – e ainda mais pela linguagem filosófica, que é, segundo Nietzsche, produtora constante de novos sentidos. A linguagem tem um sentido estético, pois. A linguagem, além disso, aparece como necessidade de eliminação e de exteriorização, o que demanda uma ampla capacidade de assimilação das vivências, como força/capacidade de assumir a vida com sua intensidade. A exteriorização, conforme mostra Wotling, também exige a capacidade de eliminar (livrar-se) de uma opressão, ou mesmo de um tormento (como ocorre entre os poetas, por exemplo). Pela criação, o artista se livra de suas dores depois de tê-las assumido plenamente.

É interessante notar que, não à toa, Wotling acrescenta ao término do seu livro, uma boa e rápida biografia do filósofo alemão, algo que ganha maior legitimidade nessa obra que pretende, no fim, mostrar como em Nietzsche, vida e filosofia devem ser interpretadas por um mesmo instrumento interpretativo. E é nisso que esse pensamento se revela como antimetafísico e como manifestação da liberdade espiritual: ele é aquele que interpreta – e escreve, numa perspectiva artística – o mundo como processual e múltiplo. Trata-se de uma recusa da vertigem atomista e idealista que seduziu boa parte daqueles contra os quais Nietzsche escreveu – e de quem ele se liberta e liberta toda a filosofia. Por essa via, o Nietzsche de Wotling é ao mesmo tempo, um filósofo que vive uma insatisfação constante em relação a todos os domínios da cultura e que foi capaz de retirar dessa insatisfação um novo modo de fazer filosofia.

Recebido: 23/02/2012

Received: 02/23/2012

Aprovado: 01/03/2012

Approved: 03/01/2012